

Governo Brasil

POLÍTICA ECONÔMICA

29 OUT 1992

“Melhor lado do governo é o Congresso que apoia a privatização e a abertura”

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

O ex-ministro da Fazenda no governo Sarney, Maílson da Nóbrega, apresentou dois cenários para os empresários — principalmente banqueiros — reunidos ontem no Conselho das Américas para um café da manhã tendo como prato principal a economia brasileira. Um é bastante pessimista. Outro é um pouco pessimista.

O que está acontecendo agora no Brasil é que os ministros da área econômica, Paulo Haddad, do Planejamento, e Gustavo Krausé, da Economia, estão se esforçando para controlar os impulsos do presidente da República. Num dia Itamar Franco pede aos ministros para baixar os juros, no outro os ministros explicam que esse é o objetivo, mas não agora.

Boatos sugerem que o presidente gostaria de suspender o leilão da Acesita. Os ministros conseguiram mantê-lo. É certo que o presidente enviou ao Congresso a proposta de privatização da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Maílson acha que isso é um desastre. O Congresso a seu ver não conseguirá chegar a um acordo sobre o tema a tempo de manter o cronograma de privatização.

POLÍTICA POPULISTA

Claramente, o ministro da Fazenda de José Sarney entende que Itamar, com os olhos de um homem de Juiz de Fora, não está percebendo as transformações do mundo à sua volta. Seu cenário mais negativo mostra o presidente em exercício saindo fora do controle. Nesse caso uma política econômica populista levará ao descontrole inflacionário e então a uma de duas possibilidades.

São elas um choque heterodoxo, que colocará de novo a economia brasileira de pernas para o ar; ou o caos, que pode gerar qualquer coisa, mas provavelmente nada positivo. No seu cenário menos negativo, Paulo



Maílson da Nóbrega

Haddad e ou Gustavo Krausé se controlam os impulsos presidenciais e a situação fica mais ou menos como está agora, ou seja, apenas ruim.

Há também um lado positivo, diz ele. O melhor lado do governo agora está no Congresso, onde uma recente pesquisa mostrou que 58% dos parlamentares apoiam até mesmo a privatização da Telebrás, quanto mais do resto. Também existe suporte congressional para a abertura da economia ao exterior e uma maioria favorável a alguma reforma fiscal.

REFLEXOS

DO ITF

Mas Maílson disse a seus interlocutores que dificilmente haverá uma reforma fiscal ampla ainda neste ano. E alertou que o Imposto Sobre Transações Financeiras (ITF) proposto pelo governo terá consequências desastrosas. O efeito cumulativo dos 0,3% sobre cada operação financeira a seu ver prejudicará até a competitividade do País no exterior.

A firma de assessoria de Maílson, que inclui outros consultores como Celso Martone, é conhecida de vários banqueiros ouvidos ontem por este jornal, que não se surpreenderam com os cenários. O pessimismo da firma não seria novo. Mas um desses banqueiros disse que as pessoas saíram do café da manhã mais preocupadas do que chegaram.